

Arquitetura Portuguesa

REVISTA MENSAL

DA

ARTE ARQUITECTURAL ANTIGA E MODERNA

Colaborada por architectos e escritores de arte portuguesa

ANO VI — N.º 12

DESEMBRO DE 1913

SUMARIO

O Teatro Politeama na rua Eugenio Santos. — *N. C. e C. P.*
Projeto do Teatro — *Ventura Terra.*
Intercalares XXIII e XXIV do projecto.

ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Trimestre	\$900	Para os paizes da união postal	
Semestre	17800	Anno	67000
Anno	33600	Annuncios pela tabella con-	
Avulso	\$400	forme o espaço	

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

*** RUA PALMIRA 58, 2.º ***

*** LISBOA ***

TYPOGRAPHIA CESAR PILOTO

11 — LARGO DE S. ROQUE — 12

*** LISBOA ***

A ARCHITECTURA

Revista mensal
de construção
e de architectura pratica

Editor, Director e Proprietario — **Nunes Colares**
Secretario da Redacção — **Mario Colares**
Composto e impresso na Tip. CESAR PILOTO 11, Largo de S. Roque, 12
Fotografias de *Mananças* Gravuras de *P. Marinho*

PORTUGUEZA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PALMIRA, 58, 2.º — LISBOA

O THEATRO POLITEAMA

Na rua Eugenio Santos

ARQUITECTO: Sr. Ventura Terra

Vai esta revista terminar o seu sexto anno de publicação, inserindo as gravuras e dando noticia de um dos mais suntuosos edificios que ultimamente se tem erigido na capital.

E, se juntarmos a este exordio, que se trata de um teatro, edificação sempre especial pelas excepcionais condições que exige, mais se comprehende o empenho com que fazemos a publicação e lhe procurámos dar todos os elementos para que ficasse o mais completa possível.

Antes, porém, de mencionarmos as características do Politeama, seja-nos permitido dar aqui uma pequena noticia sobre a origem do teatro, nos tempos mais remotos.

A arte de representar não é só o atractivo predilecto dos povos modernos. Ainda que de rudimentar importancia, já alguns seculos antes da Era Cristã, existiram os jogos cenicos, progressivamente sofrendo desenvolvimento tal, que obrigou á construção de edificios com condições essenciais e carácter permanente, exclusivamente destinados para a sua exhibição, construções que mereceram cuidados, com resultados eficazes para o emprego de uma architectura especial e apropriada.

Anterior á construção do primeiro teatro nestas condições, eram escolhidos de preferéncia os excavados de algum pequeno vale ou parte montanhosa, de fórma circular, para a realização dos espéctaculos, locais mais tarde abandonados e substituidos por simples construções de madeira, geralmente tablados, de carácter temporario e facil remoção.

A origem do teatro (do latino *theatrum* e do grego *theatron*), edificio destinado a representaçõe scenicas, é attribuida á celebração das festas consagradas a *Bacchos* (*Dyonisos*), deus do vinho, antiga divindade pelasgica, filho de *Zeus* (*Jupiter* em Roma) e da thebana *Seméle*; representante do que

a Naturêsa tem de mais opulento, luxuriante e activo; divindade em honra de quem eram celebradas muitas festas, particularmente as *Bacchanais*, as *Dionysias* e as *Anthesterias*, e a quem se dedicavam as maiores e mais extraordinarias orgias.

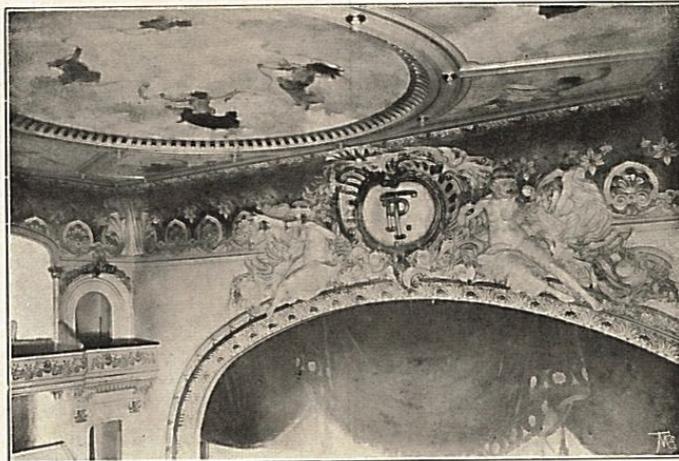
Os espectaculos de ordinario muito concorridos, atraindo um grande numero de espectadores ávidos pelo conhecimento da historia da divindade a quem se consagravam, eram, em principio de muito pouco valor cenico, constando de simples recitações e cantos, que uma unica figura era incumbida de desempenhar; devido, porém, á evoluçào natural, foram tomando um grande desenvolvimento e interesse, transformando-se com manifestações de grande esplendor, em canticos, com gesto, executados por um numeroso côro e algumas ve-

zes entremeados de cenas caraterísticas, na apresentação de ações perfeitamente intelligiveis, de misterios e de peripecias de grande interesse patriótico.

São estas representações, com carácter duma instituição religiosa e nacional, a synthese do verdadeiro teatro grego, aquêle que chegou ao apogéo na época em que predominou o povo de temperamento tão artistico que, como os romanos, legaram á posteridade monumentos de primôr sublime e de inigualavel valia.

Os côros eram formados sob a direção dos cidadãos abastados, que recebiam oficialmente este encargo e a expensas de quem corriam as despezas applicadas nos premios distribuidos á *chorega* que alcançava a vitoria. Estes premios constavam dum *tripode* de bronze, de que existem ainda alguns preciosos exemplares nos principais muzeus, e que era colocado sobre um monumento construido para este fim, que tomava o nome de *choregico*.

Os gregos, que sempre respeitavam e utilisavam o mais possível a configuração natural do terreno para dispôrem os seus edificios, construíam os teatros nos declives das montanhas, algumas vezes a Acropole da cidade, dispondo-os de fórma que a inclinação do sólo era aproveitada para a fátura das bancadas, que frequentemente eram nêle talhadas e com-

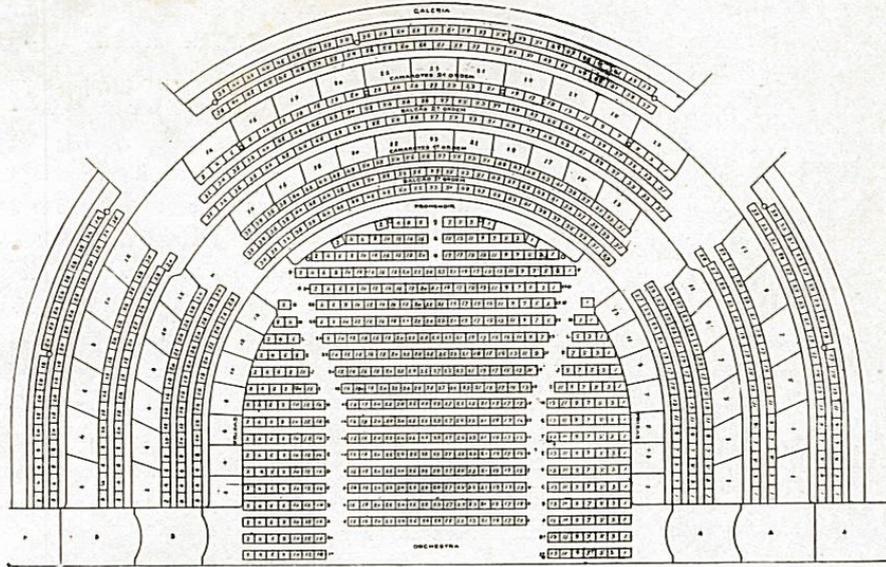


Arco do Proscenio e tecto

porcionavam, além de distinção de logares, mais ampla passagem circular e facil evacuação, quando terminados os espectáculos.

Como corôamento ás ultimas bancadas, eram dispostas

que se pensou na construção de edificios apropriados para a apresentação de espectáculos que se tornaram motivo de grandes diversões publicas e alcançaram progressivamente um esplendor extraordinario.



Planta da sala

colunatas cobertas, que serviam de abrigo quando chovia, e descanso quando as representações tinham longa duração.

Sendo o paralelismo das bancadas constante, a mais proxima do sólo desenhava igualmente um semi-circulo que, limitado do lado da cêna com a frente do *logeion*, formava o espaço denominado *orchestra*.

Estes edificios gregos, e excetuando os porticos que já referimos, a cêna e construções accessorias, não possuíam cobertura de especie alguma e a sua ornamentação era só empregada com riqueza e suntuosidade na parte da cêna e dependencias que defrontava com os espectadores.

Os unicos edificios de diversão publica que possuíam cobertura, eram os odéons, edificios destinados a concertos musicas, de que existiram alguns exemplares, entre êles um monumental edificio, com cobertura de madeira, mandado erigir por Pericles, em Athenas, e que tomou o nome daquêle célebre *stratêgo*.

*
* *

Os romanos cultivaram igualmente a arte cênica, iniciando-a com importancia muito rudimentar, mas, imprimindo-lhe um carácter de puro divertimento, orientação muito diversa da que os gregos lhe haviam aplicado.

O teatro romano, em seu principio foi mesmo vitima de perseguições e até acoimado de infamia, tendo sido exibidas as suas primitivas manifestações em estrados colocados nas encruzilhadas ou em tabladros provisórios erigidos nos circos.

Só mais tarde, quando o gosto pela arte teve o devido desenvolvimento e as repugnancias insensatas terminaram, é

Estes teatros, alguns de monumentais proporções e admiravel estética, possuíam disposição geral muito aproximada aos que os gregos construíram, apresentando, porém, sensíveis e importantes alterações na distribuição relativa das suas diversas partes, alterações perfeitamente justificadas atendendo á forma do terreno escolhido para a sua edificação, ao desenvolvimento que os jogos cênicos sofreram, e ao novo carácter que se lhes imprimiu.

A maior e mais importante diferença, sob o ponto de vista architectonico, provinha dos architectos romanos terem escolhido para a construção dos seus teatros, terrenos completamente planos, desprezando o declive das montanhas, que os gregos preferiam, nova orientação que impoz a construção de

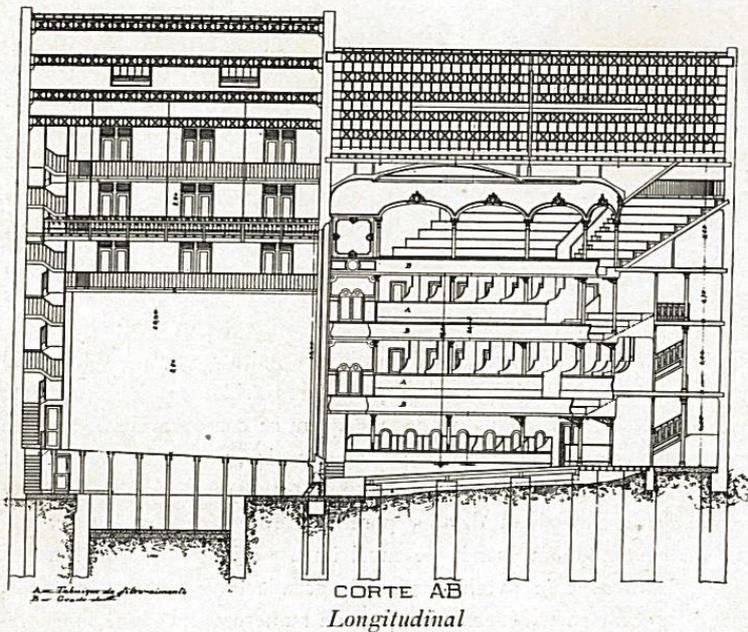


Foyer da primeira ordem

grandes nucleos de paredes, sustentando abobadas cilindricas que suportavam as bancadas e onde se achavam dispostos uma imensidade de corredôres e escadas que davam facil

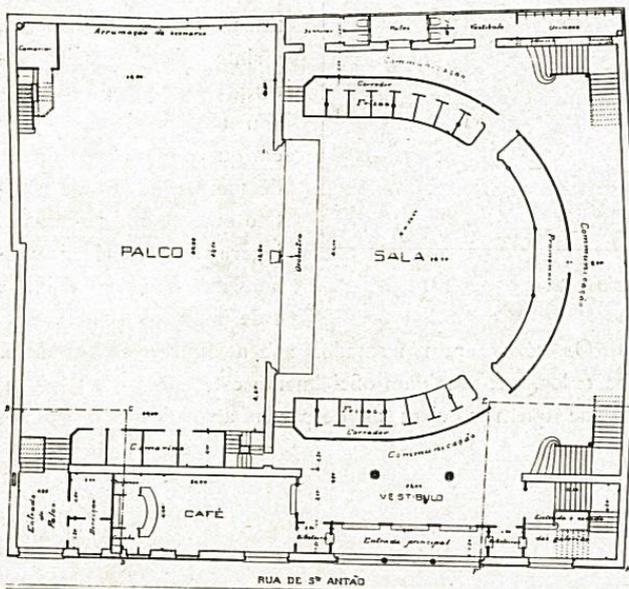
pletadas, havendo necessidade, com blocos de pedra e alvenaria.

O primeiro teatro com caráter permanente, construído



com pedra e alvenaria, foi erigido na Acropole, em Athenas, no tempo de Æschylo, 500 anos antes de Jesus Cristo e recebeu o nome de *Teatro de Bacchos*, (Dionysos). Foram nê representadas obras primas de Æschylo, de Sophocles, de Euripide e de Aristophanes.

Sob o plano deste, outros foram construídos, como os de



Planta do andar principal (2.º pavimento)

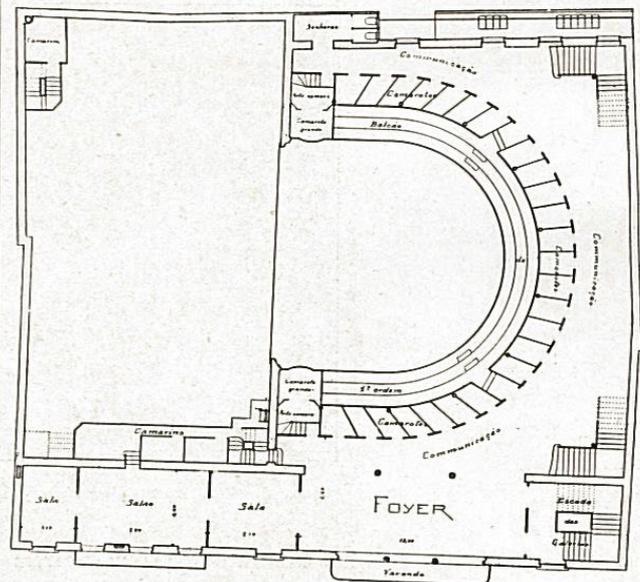
Epidaure, de Ephese e Cicyone, com logares destinados para o assombroso numero de 150:000 espectadores!

Eram, geralmente, de tão grandes dimensões estes edificios, que uma povoação inteira podia nêles ter ingresso e as-

sistir aos espetáculos, que, frequentemente, duravam um dia completo.

O teatro grego era composto de tres partes inteiramente distintas: a *orchesta*, local destinado á colocação do altar ou *thymele*, que continha a imagem da divindade em honra de quem eram celebradas as festas e onde tambem tomavam logar as massas coraes que conservavam os seus movimentos independentes da cêna, podendo sair ou entrar, conforme a necessidade da ação, por passagens situadas uma de cada lado do recinto que ocupavam;—do *Koilon*, parte reservada ao publico, com bancadas dispostas em emiciclo, que permitiam a observação perfeita e sem obstaculos, das ações passadas na cêna;—e da *cêna*, subdividida em duas partes: a cêna propriamente dita, destinada ao trabalho das personagens incumbidas das representações e que tinha o nome de *logeion*, e da parte do fundo, denominada *skênê*, que era objêto de ricas decorações com ordens architectonicas.

Termina aqui o teatro grego observado das bancadas destinadas aos assistentes, existindo, porém, na parte posterior da cêna ainda tres corpos de grandes dimensões:—o *episcenium* no



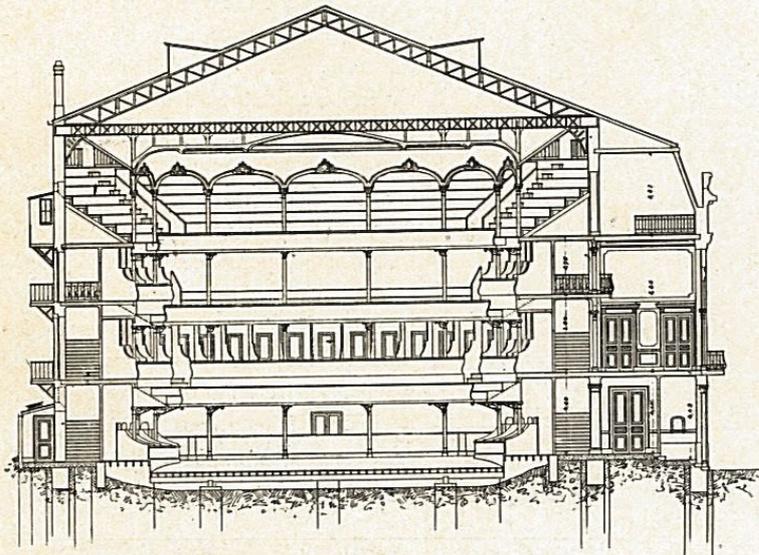
Planta do balcão e camarotes de 1.º ordem (3.º pavimento)

centro e duas *naves* lateraes, dependencias extremamente indispensaveis, com destino á permanencia dos artistas nos intervalos das representações, especie de camarins de hoje, e á arrecadação do material do teatro, maquinas, costumes, mascaras, etc.

O espaço reservado aos espectadores era formado por bancadas semi-circulares, cuja elevação ia sucessivamente aumentando á medida que se afastavam da cêna, dividida em sêtores, por escadarias que tornavam mais comodo o acesso aos logares de maior altitude; tambem em uma ou mais alturas, havia divisões formadas por corredôres largos que pro-

acesso ao publico para o interior do edificio — o teatro propriamente dito. Estes corredores proporcionavam além dum salutar abrigo quando as chuvas interrompiam os espétaculos, amplas galerias para passeio durante os seus intervalos.

Exteriormente, o teatro romano apresentava, na maioria dos casos, um aspéto grandioso e imponente, resultante de inspiradas composições architectonicas, que os architectos incubidos da sua traça, lhe dedicavam com todo o seu brilho



Córtre por C D (transversal)

intelectual, na intuição de imprimirem um determinado cunho de belésa, caracteristica tão proverbial nos edificios erigidos por aquéle povo, que possuia um temperamento sumamente artistico, sendo os teatros notaveis pela magnificencia que presidia á sua composição e grande o grau de esplendor que alcançou o génio artistico dos architectos daquéla época.

Levar-nos-ia muito longe o tratarmos mais desenvolvidamente tão interessante assunto das origens do teatro e por isso passaremos em claro a evolução que o mesmo sofreu durante seculos até a nossa época, em que a transformação radical sofrida se afirma tão progresivamente como nos edificios da Opera de Viena, devido aos architectos Sיעardsburg e Van der Nüll e á Grand Opera, de Paris, devida ao insigne architecto Garnier. São dois edificios de primeira ordem.

Não é tarefa facil deliniar, um edificio para teatro. Na sua composição, além do cuidado que merece a disposição da planta, parte essencial para a boa classificação do projeto, tem que atender-se ás suas condições acusticas, á decoração, tanto interior, como exterior, que de fôrma alguma pode ser desprezada, devendo ser objéto de uma sã orientação e boa intuição artistica.

Esta parte importantissima do teatro é prescrita segundo o genero para que é destinado e resulta essencialmente das boas disposições architectonicas, do tom local e dos detalhes alegoricos que lhe são especialmente applicaveis.

No estudo de uma planta de um destes edificios, como em qualquer outro, o architecto tem que, dentro de uma boa

logica, além do cunho artistico que lhe queira imprimir, cingir-se a tudo quanto possa proporcionar o maximo bem estar e comodidade aos individuos que a eles concorrem e permanecam, ainda que tempo relativamente pequeno.

Assim, ao contrario do que os antigos possuiam, o teatro moderno, é um edificio autonomo, formando um determinado conjunto e possuindo uma multiplicidade de detalhes que o tornam um edificio apreciavel, sob todos os pontos de vista, obrigando o architecto a recorrer a uma diversidade de principios indispensaveis á sua valorisação.

Foi este o fim que teve o nosso illustre amigo e distintissimo architecto, antigo colaborador d'esta revista, ao projetar o suntuoso teatro Politeama, na rua Eugenio Santos, ex-rua de Santo Antão, produzindo o seu genial talento um bello edificio, tanto interna, como externamente, de fôrma a collocar-o a par dos melhores que se vêem no estrangeiro.

Pelas fachadas, córtres e plantas que se publicam nesta revista, se poderá ajuizar do alto valor do trabalho do sr. Ventura Terra, que conseguiu dotar a capital com um dos mais belos edificios ultimamente construidos.

As condições estéticas e de acustica são de primeira ordem, sendo esta ultima, especialmente, muito atendivel em edificios deste genero. A audição é nitida em qualquer parte do edificio que se esteja, o que é mais uma das boas qualidades que tem esta casa de espectaculos.

Se a disposição externa é elegante e imponente, a interna não o é menos, chegando a ser suntuosa. Para isso concorreram bons artistas, como o distinto pintor, sr. Velozo Salgado, com a pintura do tecto e pano de boca e o não menos distinto escultor, sr. Jorge Pereira, com as belas modelagens.

Os trabalhos de serralharia, de que tomou conta o sr. Dargent, dando depois participação aos srs. Jacob Lopes da Silva e Vicente Joaquim Esteves, são de primeira ordem e honram qualquer dos artistas na parte que lhes coube.

Devemos, por ultimo, fazer uma referencia especial, justissima. Queremos referir nos á construção, propriamente dita.

Tomou conta dela o habil artista, construtor civil diplomado, sr. José de Passos Mesquita, que se houve no desempenho do encargo, com a habilidade, intelligencia e honestidade, que já estamos costumados a nelle reconhecer, mas, sobrepujou nesta importante obra, tudo o que se possa dizer de elogioso para éle. Resume-se em poucas palavras o seu elogio: E' uma construção de primeira ordem.

Não sabemos se nos esquece algum dos colaboradores do sr. Ventura Terra; se assim fôr, é inconscientemente que o fazemos, pois a todos desejamos fazer justiça e esta não ficará completa, sem dedicarmos as ultimas linhas que traçamos para fazer o elogio do proprietario e empresario do Teatro Politeama, o sr. Luiz Antonio Pereira, que teve a rara coragem de empregar avultados capitales para dotar Lisboa com uma casa de espectaculos modelar.

N. C. e C. P.

TEATRO POLITEAMA

NA RUA EUGENIO SANTOS



Perspectiva da fachada principal

TEATRO POLITEAMA

NA RUA EUGENIO SANTOS



Corpo central da fachada principal